

Em 26 de julho deste ano, completaram-se 45 anos da tomada do Quartel Moncada, fortaleza da ditadura militar de Fulgêncio Batista, situada na cidade oriental de Santiago de Cuba. Moncada foi tomado pelo então jovem dirigente Fidel Castro.

O Cônsul para Assuntos Políticos de Cuba em São Paulo, Sérgio Cervantes, escreve sobre o assunto e a resistência às constantes investidas dos Estados Unidos contra a revolução cubana. Registra esses marcantes momentos como uma lição para a continuidade da construção do socialismo. Fala também da importância da solidariedade de todos os povos latino-americanos

Página 7

A Classe Operária



R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Trabalhadores com Lula por um novo Brasil

Maurício Moraes



Lula pede empenho dos sindicalistas para garantir a vitória

Mais de 1.500 dirigentes sindicais apresentaram ao candidato da coligação *União do Povo - Muda Brasil* um documento com suas principais reivindicações e declararam apoio à sua eleição. O ato foi organizado por praticamente todas as centrais sindicais, federações e confederações de trabalhadores. Foi um dos mais representativos e amplos encontros sindicais realizados no país nos últimos anos

Página 3

Impulsionar a campanha de Lula e garantir a votação nos comunistas

Os candidatos comunistas devem destacar suas frentes próprias de atuação e as ligações com suas bases; ser conseqüentes nas denúncias e indignação com o entreguismo deslavado do governo FHC e apontar a vitória da coligação *União do Povo- Muda Brasil*, com

Lula presidente, como uma resposta concreta aos graves problemas vividos pelo país. Esta é a opinião do vice-presidente do PCdoB, Renato Rabelo

Página 4

Arrocho, desemprego e chantagem contra os trabalhadores

O governo e as multinacionais estão realizando uma nova investida contra os direitos dos assalariados – a “demissão temporária”, proposta pelo governo FHC; as férias forçadas, impostas pelas montadoras do ABC; a

redução dos salários, defendida pela Força Sindical. Os sindicalistas classistas denunciaram que essas medidas só beneficiam os grandes empresários

Página 5

Violência contra o povo na privatização da Telebrás

O sistema de telecomunicações brasileiro foi entregue ao controle estrangeiro pelo governo FHC. A polícia atacou com violência os que protestavam contra o entreguismo governista

Página 2

MONTEIRO LOBATO

SENTIDO LIBERTÁRIO E CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE

Última página

AS grandes scenas bíblicas



CDM
Centro de Documentação e Memória
"Vox clamantis in deserto."





Governo apela para a violência policial para garantir a privatização da Telebrás

Violência contra a população, festa para os entreguistas. Assim foi a privatização da Telebrás, no dia 29 de julho. Ao preço de R\$ 22.058 bilhões (ágio de 63,78%, segundo o ministro das Comunicações, Mendonça de Barros) o governo Fernando Henrique Cardoso entregou a grupos estrangeiros o controle de 32,3% da telefonia fixa e de 79,4% da telefonia celular do Brasil.

“A maior privatização do mundo”, como alardeou o governo, coroou um processo suspeito de irregularidades e subvalorização (anteriormente, o governo FHC havia anunciado que a Telebrás valeria mais de R\$ 40 bilhões).

Mais de 3 mil policiais militares foram mobilizados para garantir a “paz” do leilão. A polícia agiu com extrema violência, e deu início a uma batalha campal com os manifestantes. O confronto durou mais de 5 horas, e resultou em quase 40 feridos e mais de 60 opositores detidos. Um carro de som, ocupado por parlamentares opositores - inclusive da deputada federal Jandira Feghali, do PCdoB-



Manifestante é agredido pela PM

foi rebocado, violando a imunidade parlamentar e o direito de manifestação. O dirigente do PCdoB carioca, João Carlos de Carvalho, foi brutalmente espancado por policiais militares. Ele teve traumatismo craniano, rompimento da membrana do tímpano, hematomas nas pernas e braços. João foi socorrido pelo deputado estadual Edmilson Valentim (PCdoB).

A equipe econômica do governo anunciou que toda a verba arrecadada será utiliza-

da no abatimento da dívida pública. O fato gerou protesto até mesmo da viúva do ex-ministro Sérgio Motta (que preparou a privatização, a mando de FHC). Numa cerimônia na presença do presidente da República, ela queixou-se que o “resultado financeiro da privatização é apenas uma gota d’água num oceano da dívida”, e pediu que o governo faça mais investimentos na área social, para socorrer a dramática situação vivida pelo povo.

Finanças para as eleições

Ronald Freitas

O embate eleitoral se desenvolve num crescendo. Passou o momento das composições, coligações, elaboração de nominatas de candidatos e já é tempo de campanha aberta, da divulgação dos programas e plataformas.

E esta fase da eleição em que entramos tem duas características que se destacam - uma campanha curta e cara. Curta porque vai de 6 de julho a 3 de outubro. Cara, pois os custos operacionais são altíssimos para se realizar uma campanha dinâmica, criativa, massiva, capaz de popularizar nossos candidatos. Para que tudo isso aconteça é necessário muito mais que uma militância aguerrida. A realidade exige uma base material suficiente e necessária para que essa militância cumpra o seu papel, potencialize nossa influência política e eleja nossos candidatos.

Aqui reside um dos entraves principais para que obtenhamos uma vitória expressiva no 4 de outubro.

Lançamos em todo o país um conjunto de candidatos que são filhos e filhas de povo, representam anos de militância e luta em defesa dos interesses deste mesmo povo nas mais variadas frentes, muitos dos quais já possuem exitosa experiência par-



lamentar. Construimos a partir de uma justa visão política, um conjunto de aliança que nos dão condições para obtermos êxitos eleitorais significativos. Mas ... tem sempre um mas!

As condições financeiras para a realização de campanhas eleitorais compatíveis com o jogo político no Brasil de hoje poderão ser um entrave decisivo nessa empreitada. É um desafio a ser superado para alcançarmos uma vitória significativa do nosso projeto.

É tarefa que exige o empenho dos principais dirigentes políticos e candidatos do Partido, no seu equacionamento e na sua solução. Não é possível subestimar a importância dessa tarefa.

É hora de arregaçar as

mangas e procurar todos os setores políticos e sociais com os quais nos relacionamos nos últimos anos e tiveram seus interesses defendidos por nossa atuação político-parlamentar, destacando variados setores do empresariado. Procurá-los, explicar-lhes a situação de nossa disputa, os nossos objetivos nessa batalha e pleitear ajuda a nossos candidatos. Mostrar que a eleição de significativas bancadas comunistas, nos estados e no Congresso Nacional é uma necessidade da luta nacional e democrática do povo brasileiro.

É hora de realizar finanças de massas, os velhos e conhecidos instrumentos das rifas, jantares, bingos etc. podem ajudar, se bem executados, a realizar captação junto a setores mais amplos.

Quando este artigo estiver sendo lido, espero que já estejam prontos e distribuídos os cofrinhos da campanha Lula-Brizola. Estes cofres estão fadados a serem um excelente instrumento de captação no desenrolar das atividades de campanha e, além disso serem um instrumento importante no envolvimento da militância na atividade de obtenção de recursos.

A busca séria e consequente de superar os obstáculos financeiros que essa campanha nos coloca é uma necessidade imperiosa.

CANDIDATOS COMUNISTAS

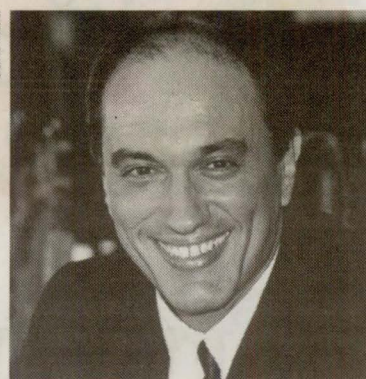
Javier Alfaya

Javier Alfaya, 42 anos, arquiteto, é vereador de Salvador há três mandatos, pelo PCdoB. Sua militância política teve início em 1975, ano em que ingressou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. De imediato, abraçou as bandeiras e causas pelas quais lutavam os jovens: liberdades democráticas, universidade pública, gratuita e de qualidade; anistia dos presos políticos e o fim da ditadura militar.

Foi eleito presidente da UNE em 1981. Por sua ação política e por sua origem espanhola, os militares moveram um processo para expulsá-lo do país. Mas a reação dos estudantes e de militantes políticos foi imediata e surgiu a campanha “Javier é brasileiro”. A manifestação nacional de solidariedade falou mais alto, obrigando os militares a desistirem desse propósito.

Javier foi um dos fundadores em 1983, a União da Juventude Socialista (UJS).

Em 1986 concorreu a deputado estadual. Os 12.500 votos que recebeu não lhe garantiram a eleição, mas Javier foi um dos três candidatos mais votados em Salvador. Uma década depois (1996) foi o candidato de esquerda mais votado, com 6.691 votos.



Com uma atuação voltada, prioritariamente, para as áreas de educação, cultura e meio ambiente, Javier presidiu de 93 a 96 a Comissão de Meio Ambiente, desenvolvendo importante trabalho em defesa do meio ambiente da capital baiana. Desde 1997, preside a Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer da Câmara e é membro da Comissão de Planejamento Urbano e Meio Ambiente.

Alfaya é autor de importantes leis, como a lei de Combate à Poluição Sonora, a lei que prevê penalidades a estabelecimentos que praticarem racismo e a Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Também é de iniciativa de Alfaya a lei que, em 1992, revogou a Taxa de Limpeza Urbana, e a que revogou a Lei da Contrapartida, que liberava a construção de arranha-céus na orla marítima de Salvador.

Direito ao protesto

No dia 26 de junho, na sede da Força Sindical, em São Paulo, o presidente Fernando Henrique assistiu a uma formatura de alunos de um curso de aperfeiçoamento profissional.

Havia muita imprensa e festa para receber o presidente. Entretanto o que poucos sabem é que para tudo parecer maravilhoso para o público, foram utilizados métodos bastante desonestos e anti democráticos.

Na noite anterior, dia 25, o militante do PCdoB Diógenes Pompe, 17 anos, e seus amigos Graziano e Everson, de 17 e 18 anos, que moram em frente à sede da Força, resolveram protestar contra a visita do presidente. Moradores do 1º andar do prédio, eles colocaram em sua janela bandeiras do PCdoB e uma faixa “Tire o emprego de FHC antes que ele tire o seu”.

Membros da Força Sindical pediram para que os jovens retirassem as faixas. Diante da

recusa, colocaram um caminhão parado em frente ao prédio para esconder o protesto. Não satisfeitos, por volta de onze horas da noite, os sindicalistas cortaram a faixa e as bandeiras.

Diógenes, Graziano e Everson foram até a Força Sindical exigir a devolução. O segurança da Força confessou, diante deles e de policiais que estavam na rua, ter retirado as bandeiras, mas se recusou a devolvê-las. A polícia nada fez para que a situação fosse resolvida.

Diante disso, os rapazes registraram um boletim de ocorrência na delegacia e, durante a visita presidencial, colocaram novas faixas e protestaram com palavras de ordem.

“Mesmo com os seguranças nos encarando, fizemos o nosso protesto. Tínhamos direito. A juventude não pode deixar FHC em paz”, afirmou Diógenes.

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL) Estagiária: Gabriela Mendonça. Editoração Eletrônica: Sandra Luiz Alves - Administração: Francoise de Andrade Matarazzo. Publicação quinzenal da Editora Jornalística A Classe Operária. Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP 01318-020 - Fone: (011) 3104 4140 - PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>, E-mail: classeop@ruralsp.com.br



Mais de 1.500 sindicalistas participaram do Encontro do Movimento Sindical dos Trabalhadores Brasileiros com Lula e Brizola. O ato, realizado no dia 31 de julho, no Clube Transmontano, em São Paulo, reuniu representantes de quase todas as centrais sindicais, federações e confederações de trabalhadores

Movimento sindical unido com Lula

Guiomar Prates

Este foi considerado um dos mais representativos encontros sindicais já realizado no país nos últimos anos.

Dirigentes de um grande número de categorias e de entidades sindicais, debateram um documento que foi entregue ao candidato da coligação *União do Povo - Muda Brasil* e declararam apoio às candidaturas de Lula e Brizola.

O documento é assinado pela CAT, CCT, CGTB, USI, CGT, CUT, sindicatos, federações e confederações.

Manoel dos Santos, presidente da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) afirmou que a representatividade do ato demonstra maturidade e amadurecimento do movimento sindical brasileiro. "Não temos diversas, mas uma única alternativa: unir os trabalhadores do campo e da cidade. É uma oportunidade histórica para virar o jogo. A burguesia está unida há muito tempo contra os trabalhadores. Chegou a nossa vez".

Manoel dos Santos denunciou que a política de Fernando Henrique Cardoso provocou a perda de 30 milhões de empregos no campo e que a vitória da coligação *União do Povo - Muda Brasil* pode reverter esta situação.



Lula assume compromissos com o movimento sindical

O presidente da Central Geral dos Trabalhadores Brasileiros (CGTB), Antônio Neto, reafirmou a necessidade de derrotar FHC. "Nunca tivemos um governo tão entreguista como este. Os dirigentes do FMI já afirmaram que o Brasil precisa de um ajuste estrutural após as eleições. Para eles, este ajuste significa mais arrocho, mais miséria, mais fome e mais desemprego".

Neto saudou a unidade do movimento sindical: "Embora este governo procure cooptar uma parcela do movimento sindical, estamos aqui, em

maioria, para dizer que, apesar de difícil, esta é a nossa tarefa: levar Lula à Presidência da República".

Evento histórico

O presidente da União Sindical Independente (USI) e da Federação dos Comerciantes do Estado de São Paulo, Paulo Lucânia, informou que no dia anterior havia sido expulso do PSDB, partido ao qual foi filiado por vários anos, por ter declarado apoio a Lula em um encontro de trabalhadores comerciários. "O importante é que os dirigentes de cerca de 500 sindicatos de comerciários estão com a gente", disse ele.

Para o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e candidato a suplente ao Senado na chapa de Eduardo Suplicy (SP), Vicente Paulo da Silva, "este é um evento histórico na luta dos trabalhadores. Mesmo que eles tenham idéias diferentes, diversas concepções ideológicas, são igualmente explorados, unem-se na miséria. Por isso, buscamos a unidade."

Vicentinho elogiou o candidato da coligação *União do Povo - Muda Brasil*: "Queremos um presidente que, aci-

ma de tudo, conheça o Brasil. Que visite outros países mas que more aqui. Um candidato diferente de FHC, que visita o Brasil mas mora no colo do Bill Clinton. Podemos nos orgulhar de ter Lula como candidato. Jamais ouviremos dele a frase 'esqueçam o que eu assinei'".

Lula recebeu do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI), o documento com as reivindicações dos sindicalistas. E fez questão de assinar. "Faço questão de assinar este documento, para que vocês possam me cobrar depois. Vou dar uma cópia para o Brizola. Enquanto FHC pede que esqueçam o que ele escreveu, eu faço questão de lembrar", afirmou.

O candidato a presidente da República criticou o ataque aos direitos trabalhistas realizado por FHC. "Quando ouço dizer que querem acabar com a 'Era Vargas', entendo isso como a privatização do setor siderúrgico, a flexibilização dos direitos trabalhistas que significam o fim de meio século de conquistas dos trabalhadores. Não podemos nos conformar com isso. Se o movimento sindical e as pessoas que têm vergonha levantarem a cabeça, a gente ganha as eleições e muda esta situação".

"É preciso ter esperança para mudar o país"

O documento entregue a Lula faz uma análise das desigualdades no país e afirma que a esperança do desenvolvimento econômico equilibrado e justo é fundamental.

Para reverter o atual quadro, o movimento sindical está sugerindo:

- Imediata abertura de canais adequados para debater as questões sindicais;

- Definição de parâmetros e interlocutores para tratar das questões que preocupam os diversos setores do movimento sindical;

- Política de geração de empregos, de boa qualidade,

bem como de desenvolvimento econômico com uma política industrial, democratização da terra e política agrícola com distribuição de renda e justiça social;

- Política de combate à flexibilização dos direitos trabalhistas como as falsas cooperativas de trabalho, o contrato de trabalho por prazo determinado, dentre outros;

- Efetivo compromisso com os direitos dos trabalhadores em atividade e aposentados, com destaque especial para uma Previdência pública e de boa qualidade, com gestão democratizada e trans-

parente, que dignifique e não avilte o aposentado;

- Compromisso com os direitos sociais, inscritos na Constituição Federal, inclusive com a participação dos interessados na gestão dos institutos e recursos públicos relacionados aos trabalhadores;

- Política de valorização do salário mínimo, para atingir o nível decente de poder aquisitivo da classe trabalhadora;

- Rediscussão das reformas administrativa e da Previdência Social, eliminando-se a política de privilégios e colocando, de fato, o serviço público no atendimento à so-



Dirigentes sindicais querem canal aberto para o debate

cidade, particularmente nas áreas da educação, saúde e previdência. Efetivo compromisso com a negociação e o diálogo com o conjunto do movimento sindical dos trabalhadores brasileiros sobre estrutura e legislação sindical, bem como sobre a Justiça do Trabalho, sem discriminação ou exclusão de qualquer segmento do movimento sindical dos trabalhadores brasileiros.

Maurício Morais

Maurício Morais

Maurício Morais

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Campanha ampla e de massas

Renato Rabelo*

Como dar impulso à campanha de Lula? Como ampliar a sua votação? São os grandes desafios que temos nestes dias decisivos da sucessão presidencial. Até o próximo dia 18, quando tem início os programas eleitorais nas emissoras de rádio e tevê, a campanha estará abordando alguns dos temas centrais das propostas da frente oposicionista (terra, reforma agrária e política agrícola; saúde; emprego e renda; educação; política industrial). Será realizado o primeiro grande comício de campanha no dia 14 de agosto, em Recife, Pernambuco. Ainda na primeira quinzena de agosto deve ser divulgado o programa mais pormenorizado de governo, tendo por base aquele que foi divulgado no dia 6 de julho, e publicado n'**A Classe Operária**.

Temos insistido que a candidatura Lula-Brizola deve abarcar setores além da esquerda. Precisa se constituir num movimento de "reconstrução nacional", de "união democrática", envolvendo amplos setores políticos e sociais. Defendemos a formação de um Conselho Político, integrado também por personalidades suprapartidárias, que tenha um papel a desenvolver não só no processo eleitoral, mas igualmente na condução do governo, após a vitória da *União do Povo - Muda Brasil*. Preconizamos também a realização de grandes atos políticos, grandes comícios, que mobilizem a opinião pública e a militância.

É fundamental que os eleitores saibam que a proposta da *União do Povo - Muda Brasil* é a de um programa de mudanças, com um novo projeto, um novo caminho, um novo governo para o Brasil. As prioridades do governo serão outras - e para isso existe dinheiro. Os investimentos serão destinados à produção e à geração de empregos, ao desenvolvimento da economia, à expansão do mercado interno e também, é claro, à exportação.

Liquidação do Brasil

Outra é a situação da campanha pela reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Ela está envolvendo recursos astronômicos. Além de realizar, como presidente, medidas emergenciais de pequeno alcance, mas que ganham grande espaço nos meios de comunicação, FHC está mobilizando verbas gigantescas para garantir mais um man-



dato na Presidência da República. A campanha oficial é caríssima. Carretas estão percorrendo todo o país, com a chamada "propaganda eletrônica", divulgando uma falsa e benéfica imagem do governo que aí está. Somente em Goiás, três carretas fazem a campanha de FHC.

Ao tempo em que divulga uma versão fantasiosa do que está acontecendo com o Brasil, FHC promove uma verdadeira liquidação do patrimônio nacional. A verdade é que a privatização e a desnacionalização constituem as verdadeiras prioridades do governo Fernando Henrique. Em julho de 1993, o levantamento das 500 maiores empresas do país (excluídas as de capital financeiro) realizado pela revista *Exame* registrava a presença de 143 de capital estrangeiro; neste ano, esse levantamento indica a presença de 170 empresas estrangeiras, entre as 500 maiores. O economista Paulo Nogueira Batista Jr. destaca que o capital estrangeiro está dominando "amplamente setores como a autoindústria, higiene e limpeza, computação e farmacêutica", além de predominar nos setores de alimentos, plásticos e borracha, indústrias mecânica e eletroeletrônica.

São igualmente constantes as denúncias de empréstimos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para empresas privadas comprarem as estatais. Além de escândalos, como foi o caso da privatização da Telebrás: Nos últimos três anos e meio, o governo investiu R\$ 28 bilhões na Telebrás, para torná-la mais atrativa aos investidores estrangeiros. Ela foi vendida por R\$ 22 bilhões... O dinheiro existe, a grande questão é no que ele está sendo aplicado.

Outras, portanto, serão as prioridades e os investimentos

do governo Lula-Brizola. E isto deve ser conhecido pelo eleitorado, para que decida soberanamente nas urnas sobre o futuro que deseja para o nosso país - o do entreguismo, ou um outro rumo, de crescimento, desenvolvimento e soberania apontado pelo movimento *União do Povo - Muda Brasil*.

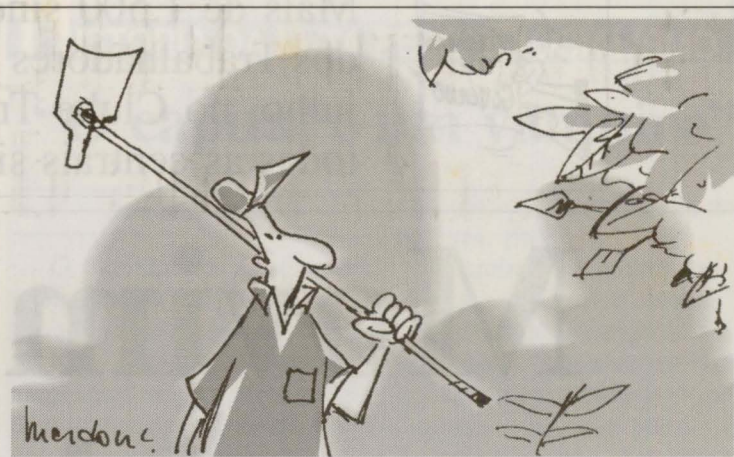
Campanha comunista

Vinculados a esse grande movimento por um novo Brasil, os candidatos comunistas ao parlamento devem desenvolver suas campanhas relacionando as bandeiras locais e estaduais com os grandes temas políticos. Os candidatos do PCdoB às Assembleias Legislativas e ao Congresso Nacional têm que destacar suas frentes próprias de atuação e as ligações com suas bases. Devem ser conseqüentes nas denúncias e indignação com o entreguismo deslavado do governo FHC e a grave crise social por ele gerada. Desmascarar as falsidades divulgadas pela propaganda chapa branca do pensamento único. Devem ser identificados com a indignação, a rebelião com o atual estado de coisas.

As sondagens eleitorais dão conta de que a grande maioria da população ainda não escolheu em quem votar para o parlamento. Uma pequena parte do eleitorado apresenta uma definição ideológica pelos candidatos. Há aqueles que votam nos candidatos em quem confiam pessoalmente. E há os que querem parlamentares identificados com seus problemas mais próximos, com as dificuldades vividas nos locais de moradia, de trabalho, de estudo. Os candidatos comunistas devem justamente fazer essa ligação entre o particular e o geral. Mostrar como os problemas vividos no dia-a-dia da população estão relacionados com as grandes questões nacionais. E divulgar suas experiências de vida e de luta, ganhando a confiança e o voto para as idéias que representam e as soluções que propõem.

*vice-presidente do PCdoB

O material dos candidatos majoritários está sendo enviado para todo o país - pode ser solicitado para o comitê central da campanha, avenida Pacaembu, 1.400, CEP 01234-000, fone 011 367-1073 São Paulo/SP.



Desenvolver a agricultura nacional

O programa da coligação *União do Povo - Muda Brasil* aborda aspectos essenciais para a transformação da vida dos brasileiros. A defesa da terra, da agricultura e erradicação da fome são compromissos assumidos pela frente.

A *União do Povo* avalia que a agricultura brasileira vem repetindo sucessivos desempenhos medíocres. Não há um programa consistente, com medidas que contemplem a agricultura familiar, base fundamental da produção de alimentos, nem os setores médios e grandes da escala produtiva agrícola, mais voltados para produtos de exportação. Entre 1990 e 1997, as importações de gêneros básicos, como trigo, arroz, feijão e milho, cresceram 168%. As despesas com essas exportações saltaram de 2,8 bilhões de dólares, em 1993, para US\$ 7,5 bilhões, em 1997.

No atual governo, os agricultores que produzem para o mercado interno ficaram ainda mais pobres. Mesmo no Pronaf, a taxa de juro pré-fixada para a próxima safra agrícola é de 5,75%, quase três vezes a inflação prevista.

Timidez nos assentamentos

O governo declara ter assentado 300 mil famílias em cerca de 8 milhões de hectares arrecadados no período. São números irrisórios frente aos milhões de trabalhadores sem terra e à imensidão de terras improdutivas existentes no país. Só nos dois primeiros anos do governo FHC, mais de 450 famílias de pequenos e médios produtores perderam suas terras. Em 95/96, segundo dados do IBGE, um milhão e meio de pessoas perderam seus postos de trabalho na agricultura.

No confronto entre as metas de assentamento projetadas e os efeitos da política econômica de FHC, registram-se a ampliação do contingente de trabalhadores sem terra de famílias, a intensificação do êxodo rural e o aumento do desem-

prego na atividade agrícola.

Diante disso, a coligação *União do Povo* oferece um novo modelo de desenvolvimento rural sustentável.

A construção desse modelo requer, de imediato, a adoção de um choque de inclusão social e democratização do espaço rural, com base numa verdadeira reforma agrária combinada com um programa amplo dirigido para a recuperação econômica da atividade agrícola, tanto seus insumos básicos como a transformação e comercialização de sua produção.

Para isso, a coligação propõe o resgate do poder de regulação do Estado em defesa dos segmentos sociais inferiorizados nas relações econômicas e de poder. O Estado também deve agir no balizamento dos objetivos pretendidos, procurando incentivar e dar sustentação ao potencial produtivo da agricultura.

O novo modelo fará parte de um projeto de desenvolvimento econômico nacional baseado no fortalecimento do mercado interno e na redistribuição de renda.

Segurança alimentar

Visando a segurança alimentar da população, a democratização da terra, a valorização da vida no campo, a criação de empregos no meio rural e a recuperação da renda, o governo *União do Povo - Muda Brasil* elege como objetivos principais a democratização e inclusão social no campo, defender e dinamizar a agricultura nacional, fortalecer e incentivar a agricultura familiar, gerar emprego e renda no campo, combater a fome, incentivar a pesquisa agrícola voltada para os interesses do país e para a democratização do acesso às tecnologias, o desenvolvimento da área rural e o incentivo à permanência do homem no campo, o respeito ao meio ambiente e aos direitos dos trabalhadores rurais, a manutenção do Programa Nacional do Alcool.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Governo FHC lança nova investida contra os direitos trabalhistas

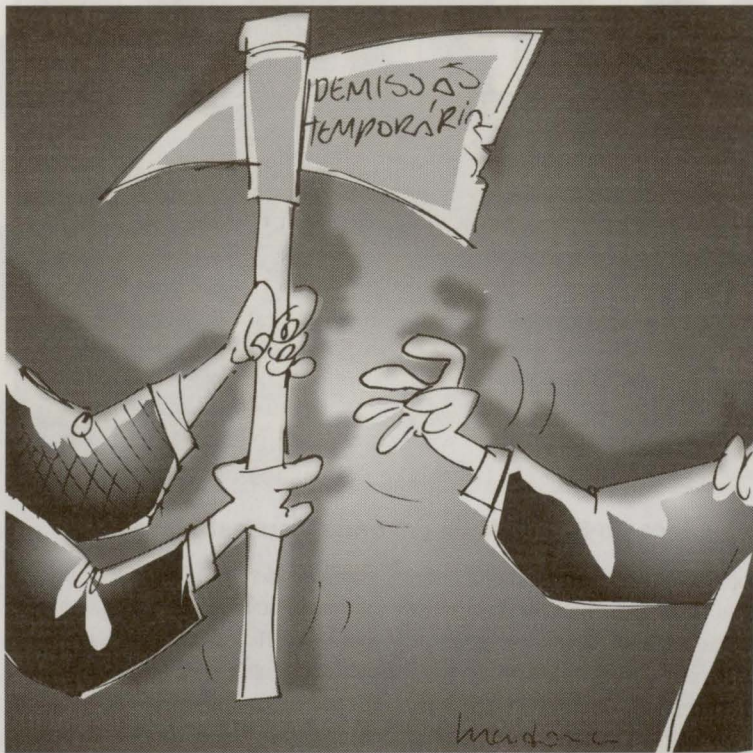
Carlos Pompe

No momento em que o desemprego bate mais um recorde em São Paulo, o ministro do Trabalho, Edward Amadeu propõe novo ataque aos direitos dos trabalhadores. Desta vez é a "demissão temporária", liberando empresários de obrigações trabalhistas. O ministro de Fernando Henrique Cardoso propõe demitir para gerar empregos! A proposta foi imediatamente criticada pelos sindicalistas classistas e pela Central Única dos Trabalhadores (CUT). Ao mesmo tempo, Volkswagen, Ford, e outras montadoras da região do ABC estão anunciando férias coletivas e semana de quatro dias de trabalho, visando diminuir a produção de veículos, e ameaçando com demissões e redução de salários, como forma de enfrentar a queda na venda de automóveis. A Mercedes vai parar a produção por 9 dias. Já o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Paulo Pereira da Silva, faz coro com as intenções governistas, e vai mais longe: sugere a redução de salários como forma de gerar empregos...

O diretor de políticas sociais da CUT e integrante da coordenação nacional da Corrente Sindical Classista, Pascoal Carneiro, denuncia que essas propostas atendem unicamente aos interesses patronais: "elas favorecem o aumento do lucro, e não geram empregos. Antes, o governo anunciou o contrato temporário de trabalho como forma de criar empregos. Mesmo ao arripio da lei, várias empresas passaram a impor esse tipo de contrato, mas o desemprego continuou crescendo".

Desemprego e arrocho

Em junho foi registrado novo recorde do desemprego na Grande São Paulo: 1,662 milhão de desempregados (19% da população economicamente ativa - em junho de 1997 a taxa de desemprego era de 16%). Nesse mês foram eliminados 11 mil postos de trabalho na região da capital paulista, segundo o Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócioeconômicos (Dieese) e a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade). Para Sérgio Mendon-



ça, diretor-técnico do Dieese, a situação é preocupante, pois "junho é tradicionalmente um mês de contratações, mas isso não aconteceu este ano". O total de pessoas ocupadas na região metropolitana de São Paulo em junho era de 7,84 milhões. A renda média dos assalariados na Grande São Paulo caiu, em relação a maio de 1997, em 1,1% na indústria e 1,5% no comércio e serviços.

Em maio, aconteceu a primeira queda da atividade industrial deste ano na Grande São Paulo (-5,8% em relação a abril). Em junho, o nível ficou estável em relação a maio, "um patamar baixo", na opinião de Franz Reimer, diretor de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp. O total de salários reais pagos caiu 2,7% de junho de 97 a junho de 98. Na opinião de

Reimer, a venda de automóveis e eletrodomésticos deve ficar 15% menor em 98, em relação ao ano passado.

Para Pascoal, o quadro é grave: "nós estamos presenciando uma grave redução de postos de trabalho. Em 1991, as montadoras produziam 960 veículos, com 109 mil trabalhadores; no ano passado, foram produzidos mais de 2 milhões de veículos por mês, mas o número de trabalhadores caiu para 106 mil! Nós sabemos que muitos companheiros, preocupados com o problema, pensam na redução da jornada, mesmo com redução de salários, como uma possível solução. Mas a verdade é que os sacrifícios dos trabalhadores não estão resultando em política de emprego. Precisamos urgentemente de redistribuição de renda, de investimentos no desenvolvimento econômico em setores que gerem empregos. E isso tem que ser uma política que venha do Estado, do governo. Certamente, não será FHC que irá desenvolver essa política. Pelo contrário, ele é um dos principais responsáveis pelo desemprego que afeta o Brasil hoje".

Nota da Comissão Política do PCdoB/SP

A Comissão Política Estadual do Partido Comunista do Brasil deplora e repudia o incidente do dia 4 de agosto, no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação de Votuporanga e Região, que resultou no assassinato de Ubirajara de Barros Rodrigues, o Bira, funcionário daquela entidade.

Face às notícias que implicam como suspeito o presidente licenciado do Sindicato, Paulo Laurindo, candidato a deputado estadual pela legenda do PCdoB, a Comissão Política:

1) Confia que a Justiça será feita, o crime apurado e o criminoso punido.

2) Sem fazer qualquer pré-julgamento, mas partindo da necessidade de preservar acima de qualquer suspeita a imagem do PCdoB, desautoriza a candidatura de Paulo Laurindo e tomará as medidas legais cabíveis com este fim.

3) Conclama o PCdoB de Votuporanga e região e seus simpatizantes, a redobram a atividade pela democracia, a independência nacional e os direitos dos trabalhadores, extraindo novas forças das dificuldades e mantendo a bandeira do partido sempre bem alta.

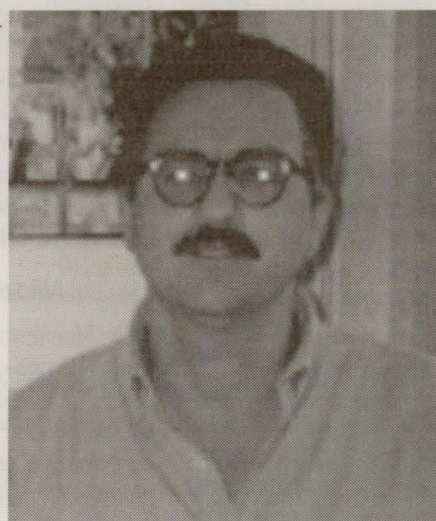
Walter Sorrentino, pela Comissão Política do PCdoB/SP

Chantagem das montadoras

"Não acredito que as montadoras realizem grandes demissões, até as eleições de 4 de outubro. As montadoras foram muito beneficiadas pelo governo FHC, e não adotariam agora nenhuma medida que pudesse ter repercussão negativa para a reeleição", opina o tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Tarcísio Secoli. "Mas depois de outubro, as demissões devem ocorrer".

Para Tarcísio, a venda de carros caiu "devido aos juros altos, ao aumento de impostos e, principalmente, ao medo dos consumidores de perderem seus empregos. Quem não tem segurança no emprego não arrisca fazer compra com prestações de longo prazo".

Apenas a redução da jornada não resolve o problema, na opinião do sindicalista: "Na Alemanha, há 5 anos, a Volkswagen reduziu a jornada de trabalho em 20% e os salários em 10%, comprometendo-se a não demitir operários. Mesmo assim, foram reduzidos 30 mil postos de trabalho -aposentados e outros operários que deixaram o emprego não foram substituídos. A medida não resultou sequer na manutenção dos postos de trabalho, quanto mais gerar empregos! A Mercedes Benz alemã fez um acordo congelando salários comprometendo-se a não demitir, até 2.001. Mas também não



Tarcísio: "lógica perversa" criou novos postos de trabalho..."

Sem crescimento, não há emprego

O dirigente do Sindicato do ABC destaca a necessidade de uma política de crescimento econômico, para gerar empregos. "O crescimento econômico é determinante. Se o país não cresce, não surgem novos empregos. É a política de FHC não é de crescimento. Por isso achamos fundamental derrotar o projeto de FHC nas próximas eleições. Agora mesmo as fornecedoras das montadoras, as indústrias de auto-peças, já estão realizando algumas demissões. Ao contrário das montadoras,

elas não têm como dar férias coletivas ou reduzir a semana de trabalho, como paliativos".

Para ele, ver apenas a questão da redução da jornada de trabalho "é ver apenas uma árvore na floresta. O Ford Ka tem 30% menos componentes que o Fiesta, que tem 30% menos componentes que o Corcel. Antigamente, um pára-choque de caminhão tinha 115 itens, que eram montados na Mercedes, por exemplo. Hoje, a Mercedes recebe um kit com o pára-choque, que é simplesmente conectado na montadora. E a fornecedora desse kit não absorveu um número de funcionários igual ao dos que foram demitidos da montadora. Além disso, ocorreram substituições de materiais na fabricação dos veículos. E a produção dos novos materiais envolve menos funcionários. A participação de plásticos em um automóvel, por exemplo, pode chegar a 30% de seus componentes, e antigamente o plástico não era usado na indústria automobilística."

Tarcísio destaca que "o avanço tecnológico tem suprimido trabalho. Atualmente, a Volks quer ter 4 plataformas básicas para seus carros, em todo o mundo. Com isso, ela ganha na produção em escala, mas reduz a mão de obra. É uma lógica perversa, mas é a lógica do capital..."

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Manifesto do Partido Comunista Marx & Engels

Os autores

● Karl MARX (1818-1883). Família abastada. Estudos universitários em direito, história e filosofia. Hegeliano de esquerda, socialista desde sua estada em Paris, 1843. Alvo da censura reacionária e sempre em emigração, por causa da radicalidade de seus escritos e da militância em organizações e movimentos revolucionários. Em 1844 conhece pessoalmente Engels, com quem passa a escrever e atuar politicamente. Autor da obra que revolucionou a Economia Política – *O Capital*.

● Friedrich ENGELS (1820-1895). Filho de industrial. Professor na Universidade de Berlim. Hegeliano de esquerda, socialista desde sua estada em Manchester, 1844, quando atuou com militantes do movimento operário inglês. Militante, como Marx, da Liga dos Comunistas e da Associação Internacional dos Trabalhadores, a célebre I Internacional.

✓ *Anote mais sobre a vida e a obra dos autores: Obras Escolhidas de LENIN, vol.1. Ou na brochura As três Fontes e as Três partes constitutivas do Marxismo, Lenin, Global Editora.*

Texto & Contexto

No Congresso da Liga dos Comunistas, Marx e Engels foram encarregados de redigir um programa teórico e prático do Partido. Escrito em dez/1847 e jan/1848. Publicado pela primeira vez em Londres, fev/1848. A Europa vivia intensa onda revolucionária, com manifestações operárias por toda parte. Rondava o fantasma do comunismo.

✓ *Anote mais sobre o contexto: Prefácios (várias publicações); História da Luta pelo Socialismo (A Classe Operária, números 161 e 162).*

O texto

Estruturado em 4 Capítulos (Ver A Classe Operária número 162).

Alguns destaques, a partir dos Capítulos I e II

I - O capitalismo não é eterno

– A burguesia teve papel revolucionário na luta contra o regime feudal;
– desatou laços pretensamente “naturais” que prendiam servos a senhores, rompeu com crenças, impulsionou a ciência e a tecnologia, instituiu novos costumes e idéias;
– submeteu o campo à cidade, a agricultura à indústria, revolucionou os instrumentos de produção, as relações de produção e demais relações sociais;
– invadiu o globo, na busca de mercados;
– criou uma organização social e política correspondente à livre concorrência;
– mas, com o tempo, as relações burguesas de produção e de troca passaram a ameaçar a existência da própria sociedade burguesa, com repetidas crises comerciais e destruição de produtos e de forças produtivas

✓ *Anote outras realizações da burguesia em ascensão, exemplos de seu domínio e ameaças à sua sobrevivência - Capítulo I.*

● A burguesia criou também seu



Biblioteca do British Museum onde Marx estudava

próprio coeiro – o proletariado:
– o aumento do capital depende do proletariado, que só pode viver se conseguir trabalho;
– a concentração do capital transforma em proletários os integrantes das camadas inferiores da classe média;
– o desenvolvimento da maquinaria e as mudanças na divisão do trabalho reúnem em grandes fábricas massas enormes de proletários;
– intensifica-se a exploração do trabalho, aumentam os choques entre burgueses e proletários, cresce a força dos operários e a consciência dessa força.

✓ *Anote as fases e características da luta do proletariado contra a burguesia - Capítulo I*

II – O comunismo é expressão geral das condições reais da luta de classes

● Os comunistas são parte do proletariado:
– buscam prevalecer seus interesses comuns, combinando a luta nacional com a internacional;
– seu objetivo imediato é a constituição dos proletários em classe, para a conquista do poder político, derrubando a supremacia da burguesia;
– O fim último dos comunistas é a abolição da propriedade privada:
– não a propriedade pessoal, fruto do próprio trabalho, mas a propriedade burguesa, fruto da exploração do trabalho alheio;
– somente com a socialização da propriedade o trabalho pode propiciar a melhoria da existência material e espiritual dos trabalhadores;
– a supressão da exploração do homem pelo homem acabará com os antagonismos de classes e a hostilidade entre as nações e permitirá o rompimento com idéias, costumes e formas de organização tradicionais.

✓ *Anote as diferenças entre capitalismo e comunismo e as respostas dos comunistas às acusações dos burgueses - Capítulo II.*

Atenção!

● O Manifesto do Partido Comunista é um documento de valor histórico

Deve ser estudado, tal como elaborado, e entendido no seu contexto.

– O Manifesto do Partido Comunista não é receita.

Como salienta Engels, no Prefácio

à edição alemã de 1872, “a aplicação desses princípios dependerá, sempre e em toda parte, das circunstâncias históricas existentes”.

● Os princípios gerais do Manifesto do Partido Comunista mantêm atualidade e consistência teórica. Como os destacados por Engels, no Prefácio à edição alemã de 1883:

– em cada época histórica, a produção econômica e a estrutura social dela decorrente constituem a base da história política e intelectual dessa época;
– desde o fim da propriedade comum da terra (comunismo primitivo) – a história da sociedade é a história das lutas de classes;
– com o desenvolvimento do capitalismo, essa luta atinge um estágio tal que a classe explorada e oprimida (proletariado) não pode libertar-se da exploradora e opressora (burguesia) sem libertar, ao mesmo tempo, todas as classes;

Refleta discuta

1. O que se entende por burguesia e proletariado?
2. Por que a classe operária é a única verdadeiramente revolucionária?
3. O que os comunistas entendem por abolição da propriedade?
4. Em que consiste a atualidade do Manifesto do Partido Comunista?

Não deixe de ler

● Um Manifesto assombra o mundo – Carlos Pompe - *A Classe Operária* nº 151.

● Manifesto do Partido Comunista 150 anos depois - Loreta Valadares - *Princípios* nº 47.

● Caminhos novos à luta emancipadora – João Amazonas – *Princípios* nº 48.

● Manifesto do Partido Comunista – 150 anos: anotações sobre os primeiros anos no Brasil – Loreta Valadares - *Princípios* nº 49.

PARTICIPE DESTE PROJETO!

- Dê sua opinião, partilhe reflexões e dúvidas, informe sobre grupos de estudo em andamento.
- Fone: (011) 232-1622.
- Fax: (011) 3106-4104.
- E-mail: pctdobcc@uol.com.br
- Comissão Nacional de Formação

HISTÓRIA DA LUTA PELO SOCIALISMO 5

“O capital é um vampiro”

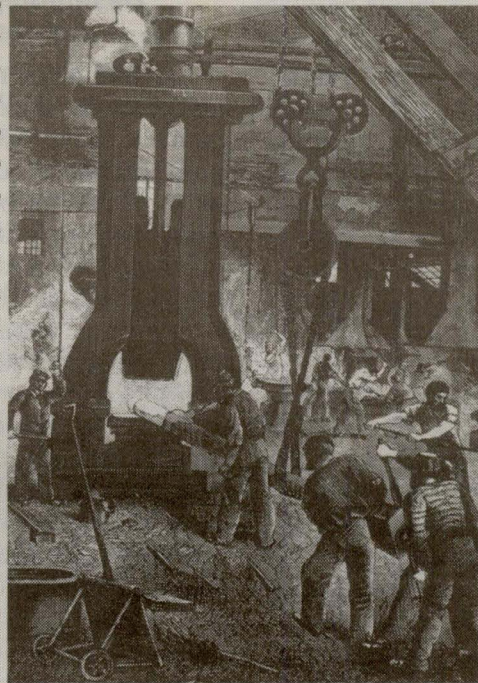
Bernardo Joffily

O capitalismo mudou em profundidade as relações entre as classes sociais.

Nos modos de produção anteriores, as classes trabalhadoras – escravos, servos feudais – eram sujeitadas através de meios não econômicos. E o mercado, embora existisse desde a Antiguidade, jogava um papel marginal: e produção, em geral, visava o consumo direto e não a comercialização.

No capitalismo, o mercado se agigantou até tornar-se a espinha dorsal de toda a economia. O mundo virou uma enorme feira livre global, onde tudo está à venda. À primeira vista, tanto o proletário como o burguês comparecem a esta feira em igualdade de condições: o primeiro é vendedor e o último comprador de determinada mercadoria – a força-de-trabalho. A

Oficina metalúrgica, 1847



contratação de um pelo outro é uma operação comercial como tantas outras. O burguês compra a força-de-trabalho de que precisa e paga o proletário com um salário.

Só o trabalho humano opera o “milagre da produção”

O valor da força-de-trabalho acompanha a lei do valor: como qualquer mercadoria, a força-de-trabalho vale o equivalente ao trabalho socialmente necessário para produzi-la, ou seja, no caso, para alimentar, vestir, abrigar e, numa palavra, manter vivo o assalariado e sua família. Se a força-de-trabalho é qualificada, o salário é maior, pois deve cobrir também os custos da qualificação do assalariado.

De posse da força-de-trabalho que comprou, o capitalista emprega-a no seu negócio – por exemplo uma indústria de tecidos. Ali já se encontram outras mercadorias, igualmente adquiridas na feira livre do mercado, o galpão da fábrica, os motores, os fusos, os teares, e a matéria-prima, algodão, lã, linho. Nosso proletário e seus empregados operam os mecanismos e produzem

nas, fiar, cardar, tecer, em uma palavra, produzir.

O trabalho humano opera aí o que poderia se chamar “o milagre da produção”: ele cria valor. Sozinha, nenhuma das outras mercadorias que o burguês comprou teria esta capacidade. Mas o tecido fabricado pelas mãos e pelas mentes dos trabalhadores vale mais que a matéria-prima, mais o combustível, o desgaste das máquinas, etc., mais os salários.

Marx mostrou o mecanismo oculto da mais-valia

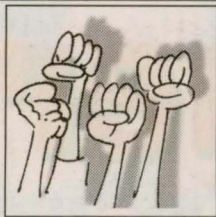
O valor assim criado forma o lucro do burguês, e a taxa de

lucro é a relação entre ele e o capital investido. Porém a produção capitalista traz embutida uma outra relação, que Marx trouxe à luz em obras como *Trabalho assalariado e capital*, *Salário, preço e lucro* e principalmente *O*

capital. Marx considerou a matéria-prima, o combustível, o desgaste das máquinas, etc. como **capital constante**, que, sozinho, não cria valor. E analisou o **capital variável**, agregado pelo trabalhador: uma parte é gasta no pagamento do salário; mas outra, embora criada pelo proletário, vai para o bolso do burguês, engordar seu capital. Esta segunda parte é a **mais-valia**; a taxa de mais-valia é a taxa da exploração do trabalho pelo capital.

Marx mostrou o mecanismo oculto dessa exploração. Explicou o porquê da acumulação crescente da riqueza, no pólo burguês, enquanto o pólo proletário só consegue o indispensável para sobreviver. “O capital – dizia – é trabalho morto, que, como um vampiro, só se anima sugando o trabalho vivo, e quanto mais ele suga mais alegre é sua vida”.

Ao longo da segunda metade do século passado, essa análise foi convencendo parcelas crescentes do proletariado nos países onde o capitalismo se impunha. Quando Marx morreu, em 1883, milhões de trabalhadores já engrossavam os ranks dos partidos operários marxistas.



Resistindo às constantes investidas dos Estados Unidos, a revolução cubana registra seus momentos marcantes como uma lição para a continuidade da construção do socialismo. E conta com a solidariedade de todos os povos latino-americanos

Marco na luta revolucionária cubana

Sergio Cervantes*

Em 26 de julho de 1998 completaram-se 45 anos da tomada do Quartel de Moncada, fortaleza da ditadura militar de Fulgêncio Batista, situada na cidade oriental de Santiago de Cuba, levada a cabo por um grupo de valentes patriotas, inspirados no ideário martiano e encabeçados pelo jovem dirigente Fidel Castro.

Não foi um episódio isolado, sem conexão histórica, mas uma ação que se converteu num referencial da continuidade de nossa luta pela independência política e econômica; que começou primeiro contra a Espanha colonial, em 10 de outubro de 1868, e se estendeu até 1898, quando nossa vitória foi boicotada e escamoteada pelos norte-americanos que, utilizando seu poderio militar e econômico declararam guerra a uma Espanha que, desde o ponto de vista econômico e militar, já não podia continuar sustentando o confronto com nossos patriotas.

Os EUA, então, utilizando um pretexto criminoso (o ataque ao encouraçado norte-



Fidel preso e interrogado após o ataque a Moncada

americano "Mame"), puseram em prática sua teoria da "fruta madura" - para apoderar-se de Cuba - numa ação que Lênin qualificara como a primeira guerra imperialista da época, em função de uma nova divisão do mundo.

Qual era o propósito dos que tomaram de assalto o Quartel Moncada?

Terminar com os anos de vergonhosa dominação neocolonial ianque em nosso país. Resgatar nossa dignidade patriótica e liberdade político-

econômica; erradicar as enormes desigualdades sociais criadas pelo sistema e pelas classes dominantes; e devolver os direitos humanos de todos os cubanos, que havíamos perdido nesses 55 anos de submissão aos ditames de Washington.

Tornar realidade aqueles sonhos e utopias não foi tarefa fácil. Foi necessária muita determinação e consciência política, uma convicção absoluta na vitória dessa causa justa; grandes sacrifícios huma-

nos e pessoais, exemplificados no sangue derramado por mais de 20 mil patriotas cubanos, que deram suas vidas generosas na luta contra a ditadura de Batista.

Em todos estes longos anos de empenho revolucionário foi-se formando uma arraigada tradição e consciência de luta, que ajudou a forjar o espírito de nosso povo e convertê-lo no ator principal de nossa história.

Também tivemos a sorte de contar com homens de inestimável valor humano, político, intelectual e militar, e com a ajuda de patriotas de outros países que não hesitaram em oferecer seus esforços e suas vidas para lutar por nossa liberdade. Desde Carlos Manuel de Céspedes, o Pai da Pátria, que iniciou a luta pela independência em relação à Espanha; José Martí, nosso Mestre e Apóstolo da Independência; Antonio Maceo, o Titã de Bronze que levou à cabo a invasão do Oriente até o Ocidente da Ilha; Julio Antonio Mella, fundador do nosso primeiro partido marxista-leninista; Antonio Guiteras, jovem antiimperialista; Cami-

lo Cienfuegos, comandante do Exército Rebelde, e outros, como o comandante Manuel Pineiro, que no anonimato fizeram suas valiosas contribuições. Os exemplos de internacionalistas, como o dominicano Máximo Gómez, que foi o chefe do exército libertador na luta contra a Espanha; e mais recentemente o exemplo do Guerrilheiro Heróico, Ernesto Che Guevara, que ajudaram, não somente a conquistar nossa independência, e também a dar outra dimensão humana à luta revolucionária.

Tivemos a grande sorte de contar com a liderança e a personalidade de nosso comandante em chefe, Fidel Castro, que sintetizou todos os elos e tradições da luta histórica de nosso povo, convertendo-os em realidade quando derrotou a sangrenta ditadura militar a serviço dos interesses de seus amos do Norte, e, conjuntamente com seu povo, ajudou a construir uma sociedade mais justa, pela qual haviam lutado várias gerações de patriotas cubanos.

*Cônsul para Assuntos Políticos de Cuba em São Paulo

Pedalando em solidariedade a Cuba

O argentino Andrés Ruggieri valeu-se da criatividade para expressar sua condenação ao bloqueio norte-americano contra Cuba. Inspirado em seu conterrâneo Ernesto Che Guevara, que excursionou por toda a Argentina pedalando, Andrés está percorrendo 13 países da América Latina numa bicicleta. No percurso, aproveita para recolher assinaturas num documento exigindo o fim do bloqueio ianque à ilha de Fidel Castro. Sua viagem conta com o apoio da Organização Continental Latino-Ame-

ricana e Caribenha dos Estudantes (Oclae), e das organizações estudantis dos países que percorre.

Apoio estudantil

"Saí de Buenos Aires em 20 de janeiro, e já percorri a Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, e agora estou no Brasil, que devo percorrer até o final de agosto. Na Bolívia, passei por La Higuera, onde Che Guevara foi assassinado, e por Vallegrande, onde seu corpo foi enterrado, juntamente com os de outros guerrilheiros."

Em sua passagem pelo Brasil, Andrés está recebendo o apoio da União Nacional dos Estudantes, da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e da União da Juventude Socialista, dentre outras entidades: "Vou conhecendo diferentes culturas e pessoas, contatando com o movimento popular e os partidos políticos de esquerda, desenvolvendo atividades de solidariedade a Cuba. Nas cidades pequenas, a receptividade tem sido maior. Os jornais locais abrem espaço para divulgação, e as emis-

soras de rádio fazem entrevistas. Por enquanto, o trecho mais difícil de fazer foi a passagem do Chile ao altiplano boliviano, devido à altitude de 4.700 metros".

Do Brasil, Andrés segue para a Venezuela e percorrerá todos os países da América Central. Do México cruzará o mar de navio, com destino a Cuba, onde pretende chegar a tempo das comemorações dos 40 anos revolução, em 1º de janeiro, e entregar às autoridades cubanas o abaixo assinado latino-americano contra o cerco ao país.



Che, de bicicleta, em 1950

ASSINATURA

A Classe Operária



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS

Rua Adoniram Barbosa, 53
CEP 01318-020 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 3104-4140

Data: / /	<input type="checkbox"/> R\$ 30,00 - Anual 30 edições	<input type="checkbox"/> R\$ 15,00 - Semestral 15 edições
Nome:		
Endereço:		
Cidade:	CEP:	Bairro:
Profissão:	Data de nascimento: / /	Telefone: ()

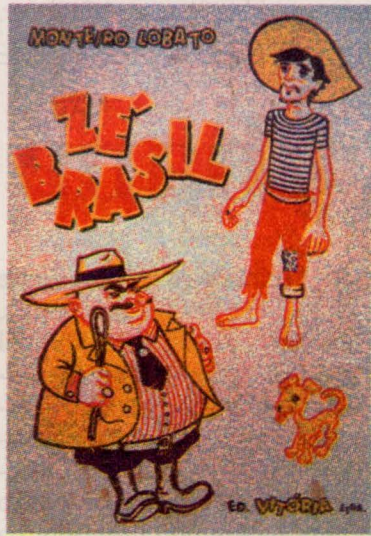
Pagamento:

<input type="checkbox"/> Cheque nominal
<input type="checkbox"/> Dinheiro
<input type="checkbox"/> Cartão de crédito:
<input type="checkbox"/> Cartão nº
<input type="checkbox"/> Validade / /
<input type="checkbox"/> Vale postal nº
<input type="checkbox"/> Depósito na Conta Corrente Agência 0201
C/C 49976 - Banco Itaú S/A



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Um homem que queria mudar o Brasil



Marcia Mascarenhas Camargos *

Marcado por um inconformismo sem paralelo, Monteiro Lobato teve como objetivo de vida tirar o Brasil do atraso secular para colocá-lo no caminho da modernidade. Membro da classe dominante, filho de proprietário rural e neto de um visconde do Império, durante a maior parte de sua existência acreditou que caberia à elite esclarecida - à qual ele próprio pertencia - erradicar a miséria e apagar as marcas profundas do colonialismo.

Caminhos

Após longos anos e somando incontáveis derrotas, incluindo uma passagem pelo Presídio Tiradentes durante a ditadura do Estado Novo, passaria a compartilhar da idéia de uma transformação no sentido inverso - ou seja, de baixo para cima, e não o contrário, como ele sempre acreditava. Contudo, até chegar aí, trilhou caminhos variados e não raras vezes contraditórios, na busca de soluções para os graves problemas de sua terra.

Um exemplo dessa rica trajetória pode ser comprovado por meio do Jeca Tatu, seu personagem-símbolo. Nascido em 1914 - através dos artigos *Uma Velha Praga* e *Urupês*, ambos estampados em *O Estado de S. Paulo* - esse Jeca era preguiçoso e indolente. Adepto da lei do menor esforço e sacerdote do "nada paga a pena", constituía uma criação em grande parte ditada pelo descontentamento do fa-

zendeiro Lobato frente ao insucesso de suas iniciativas agrícolas no solo esgotado do Vale do Paraíba. Mais tarde, ao entrar em contato com as teses dos médicos Belisário Pena e Artur Neiva, revê seus juízos sobre o mundo rural e descobre que a apatia do caboclo advinha do subdesenvolvimento, da fome e da falta de saúde.

"Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie", admite então. "É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não".

Problema Vital

Tornando-se apóstolo das campanhas sanitaristas, em 1918 escreve para o mesmo jornal uma série de artigos - enfiados depois em livro sob o título **Problema Vital** - denunciando a doença do homem da roça e o crime dos que parasitariamente gozavam, na cidade grande, o fruto da sua incansável labuta.

"A esta hora milhões de verdadeiros patriotas lá estão no eito, porejantes de suor, na faina da limpa e do plantio. Febrentos de maleita, exaustos pelo ácaro político, lá estão cavando a terra como podem, desajudados de tudo, sem instrução, sem saúde, sem gozo da mais elementar justiça".

Num tom diverso ao de 1914, Lobato fala sobre as qualidades positivas da gente rural que, a seu ver, possuía força em potencial e riqueza de possibilidades em estado latente. Arremata com uma frase emblemática da sua nova maneira de pensar: "O caipira não é assim. Está assim".

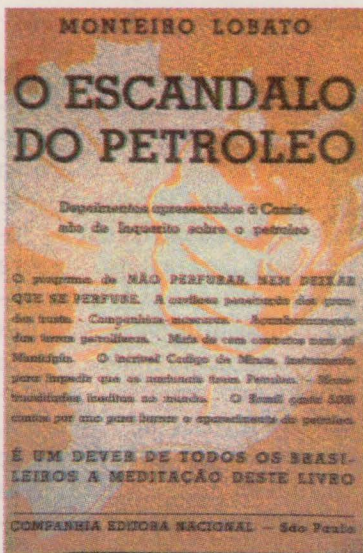
Um capitalismo utópico

Sonhando em transformar o Brasil numa nação próspera, cujo povo pudesse usufruir dos benefícios gerados pelo

progresso e desenvolvimento, Lobato vai encontrar em Henry Ford a síntese da racionalidade pragmática. O modelo imaginado por Lobato - e, a seu ver, tão bem personificado pelo empresário americano - inseria-se num capitalismo onde os conceitos de mais-valia e luta de classes cediam lugar a um projeto global de melhoria da vida da coletividade em todos os níveis. "Posta nas bases de Henry Ford", esclarecia, "a indústria deixa de ser o Moloch devorador de milhões de criaturas em benefício dum núcleo de nababos e transforma-se em cornucópia inextinguível de bens".

Campanha do petróleo

Imbuído desses paradigmas, e de volta dos EUA em 1931, onde vivera por três anos como adido comercial, Lobato passa a enxergar no transporte, ferro e petróleo o tripé de sustentação do crescimento brasileiro. Decidido a liberar seu país das amarras da dependência econômica, não se dá conta, porém, de que a pujança de uma sociedade capitalista próspera assentava-se na exploração dos países periféricos. Tenta convencer o governo a apoiar a implantação de uma indústria siderúrgica, mas esbarra na burocracia estatal e em interesses poderosos



do capital estrangeiro.

Engajando-se na campanha do petróleo, Lobato percorre o Brasil divulgando seus planos. Convence o público, capta recursos de milhares de pequenos investidores e funda três companhias petrolíferas. De novo, acabaria derrotado pelos trustes internacionais.

Condenado a seis meses de prisão por cartas que enviou a Vargas e Gois Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, cobrando medidas em defesa da soberania nacional na questão do petróleo, seria solto em junho de 1941. Mas continuou perseguido pela ditadura. Seus livros infantis são apreendidos e destruídos por conter "doutrinas perigosas e práticas deformadoras do caráter". Segundo o procurador do Tribunal de Segurança Nacional, tinham um conteúdo contrário ao projeto do Estado Novo de formar uma juventude saudável, patriótica e de fortes princípios fincados na tradição cristã.

Às voltas com a censura

Amorçado pela censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), Monteiro Lobato só voltaria a expressar seu pensamento publicamente quatro anos depois, na iminência da queda de Vargas. Numa bombástica entrevista ao *Diário de São Paulo*, afirmou:

"A nossa Ordem Social baseia-se na miséria, na penúria, na quase-nudez e agora até no 'outlawing' desses milhões de homens que produzem tudo quanto comemos e vendemos no exterior". Somados ao operariado urbano, estes produtores rurais, segundo Lobato, formavam a massa imensa de "carne dolorosa", a sustentar umas tantas toneladas de "carne gorda, feliz, contente".

Quando as eleições gerais são afinal convocadas, Lobato é chamado para compor a

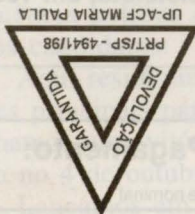
chapa dos candidatos comunistas. Declinando do convite - ele jamais se filiaria a qualquer organização política - não se furta entretanto a saudar Luís Carlos Prestes por ocasião do grande comício realizado no Estádio do Pacaembu em julho de 1945. A ditadura de Getúlio cai, mas a situação volta a endurecer sob o governo Dutra. E Lobato novamente empenha seu prestígio pessoal ao solidarizar-se com os militantes do Partido Comunista, cujo registro fôra cassado. Ao constatar naquela medida uma ameaça à Constituição, escreve a *Parábola do Rei Vesgo*, lida e aclamada por uma multidão reunida no Vale do Anhangabaú.

Sentido libertário

A partir deste momento, Lobato dá uma guinada radical, passando a ver o trabalhador da cidade e do campo não mais como um ser passivo, e sim como agente da própria história. Aquele seu Jeca Tatu modorrento do início, que depois passara a vítima das endemias crônicas, agora surgia como um trabalhador sem terra, cujo inimigo maior chamava-se "latifúndio".

Lançado em 1947, *Zé Brasil* ensinava que os adversários dos comunistas, dos operários, dos camponeses, dos injustiçados do mundo eram os que viviam à custa do trabalho alheio. Este folheto de 24 páginas, lançado pela Vitória, editora comunista, seria apreendido em sucessivas batidas policiais. Uma demonstração de força que tampouco conseguiu cercear o sentido libertário e o projeto de construção da nacionalidade de Lobato, cujas idéias prosseguem ainda atuais meio século após a sua morte.

* autora, com Carmen Lucia de Azevedo e Vladimir Sacchetta, de Monteiro Lobato: *Furacão na Botocúndia*, lançado pela Editora SENAC SP e ganhador dos prêmios Jabuti (categoria Ensaio e Biografia) e Livro do Ano (Não Ficção).



IMPRESSO

CEP 01318-020 - São Paulo - SP

Rua Adoniram Barbosa, 53 - Bela Vista

Tel.: (011) 3104 4140

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício de Lacerda

